

O amor e seus casos simples...

Maria Helena Nery Garcez*

* Professora de Literatura Portuguesa e da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP.

São doze os contos de Eça de Queirós que, organizados por Luís de Magalhães e publicados dois anos após o falecimento do Autor, em 1902, compõem o livro *Contos*, de discreto e simples título. Quase todos já haviam aparecido anteriormente em periódicos entre 1874 e 1898. Vinte e quatro anos e muitas águas separaram a publicação do primeiro, *Singularidades de uma rapariga loura* (1874), do último desse livro, *O Suave Milagre* (1898). Águas realistas/naturalistas/positivistas *versus* águas românticas/ idealistas/neo-idealistas/ simbolistas. O oitocentos em Portugal foi chuvoso não apenas na política.

Na literatura o grande debate entre romantismo e realismo/naturalismo marcou toda a segunda metade do século e, ironicamente, nem sempre os que mais alto levantaram a bandeira do *realismo como a nova expressão de arte* foram protótipos da causa pela qual lutavam. Eça de Queirós, contudo, descontadas as *Prosas Bárbaras* e aventuras menores da juventude, primou por oferecer-nos uma produção que fez jus aos princípios por ele tão claramente expostos na Quarta Conferência do Cassino Lisbonense e noutros textos.

Singularidades de uma rapariga loura, publicada apenas três anos após as Conferências, quando Eça tinha 29 anos, constitui uma narrativa realista/naturalista exemplar. Não é verdade que até sua frase inicial é inesquecível? e que, se existisse a expressão abertura-prima, ela a mereceria? Quem não se recorda do: “Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário... ?”¹. E Eça, consciente do belo achado, depois de um hábil anacoluto narrativo, com não menos habilidade reatará os fios da confiança de Macário ao narrador. Este,

¹ Queirós, Eça de – *Contos*. 11ª ed., Porto, Livraria Lello & Irmão Editores, 1942, p.1.

intelecto positivo, assim a anuncia: *conto-a apenas como um acidente singular da vida amorosa*². Será esta a terceira aparição do conceito *singular* neste conto em que aparece mais quatro vezes. A “rapariga louca tem singularidades, o acidente da vida amorosa é singular”, os olhos de Macário “tinham uma singular clareza e rectidão...”¹ e seria interessante analisar e interpretar os diferentes empregos do conceito no conto, principalmente confrontando-os com outro fundamental nessa narrativa: *simples*.

Segundo o juízo de Macário, o seu caso era *simples*. Mas o leitor, depois de haver sofrido com a personagem a intransigência do tio, seu ano de trabalhos penosos em Cabo Verde, o golpe do *amigo do chapéu de palha*, a descoberta fatal acerca de Luísa e os sonhos destruídos, pergunta-se, mesmo que não verbalize, o que seria então um caso complicado... E, finalizada a leitura, frui mais da ironia do texto, uma ironia de efeito retardado, ao descobrir que *simples* não era o *caso* mas o terra terra Macário, capaz de sacrifícios supremos quando lutava contra empecilhos de ordinária administração mas absolutamente incapaz de compreender problemas que exigissem transcender a dimensão fenomênica ou positiva. Em nenhum momento ele se interroga ou interroga seu interlocutor sobre o porquê dos furtos da *rapariga louca* e nem sequer aventa a hipótese de que ela poderia não ser responsável por eles. Do momento em que na loja ocorre o sumiço do anel, ele já tem a convicção: “- És uma ladra!”³

Opõem-se, portanto, *singularidade* e *simplicidade*, entendido este último termo na acepção de limitado, curto, terra terra. O leitor passa, então, a ver Macário menos como vítima de um drama de amor que como vítima da própria intolerância e limitação. Mais do que amar uma pessoa, Macário amava a honestidade palpável, a honra palpável, a retidão palpável e, de tal forma que, mesmo passados tantos anos do *caso*, nem o entendia nem o avaliava de outra forma. O retrato que Eça de Queirós faz da rigidez obtusa de Macário e de seu *caso simples* é radical. *Singularidades*, ao criar o encontro de um espírito rasteiramente positivo com a psique patológica de uma cleptomaniaca, é, indubitavelmente, paradigmático do realismo/naturalismo.

Em 1897, vinte e três anos depois da publicação da narrativa de abertura dos *Contos*, a *Revista Moderna* publica *José Matias*, quando Eça de Queirós já está nos seus cinquenta e dois anos de idade. Esta obra-prima queirosiana traz a marca das muitas águas roladas por Europa, Portugal e pela geração de 70 nessas mais de duas décadas. Um importante sinal das águas que estavam rolando já fora o artigo *Positivismo e Idealismo*, publicado em 1893 por Eça nas *Notas Con-*

² *Singularidades de uma rapariga louca*, p.6.

³ *Ibidem*, p.40.

*temporâneas*⁴, artigo que faz contraponto ao conhecido *Idealismo e Realismo*, escrito em Bristol, 1879⁵.

Enquanto neste a caracterização do pintor idealista que pinta Napoleão I atravessando os Alpes sobre a “minha” parede é contundente e o juízo sobre o produto de sua arte é uma recusa taxativa, no artigo de 1893, *Positivismo e Idealismo*, a atitude que Eça assume em face do idealismo é mais madura e tática. Não que tenha mudado de convicções. Ele continua fiel aos princípios positivistas mas, como bom observador dos fatos, faz a crítica de sua geração e reconhece-lhe os erros no radicalismo, “no modo brutal e rigoroso com que o positivismo científico tratou a imaginação, que é uma tão inseparável e legítima companheira do homem, como a razão”⁶. Constata, como *reação contra os rigores do positivismo científico* e contra o *materialismo do século*, que uma nova onda de idealismo irá atravessar e até mesmo purificar o mundo, mas faz notar que, nem por isso, as conquistas da razão científica irão desaparecer e nem sequer os novos idealistas poderão “desertar o trabalho acumulado da civilização”⁶. Em sua visão de homem maduro as muitas águas roladas naquela segunda metade de século iriam desembocar num desejável equilíbrio entre as duas esposas do homem, a razão e a imaginação.

O contraponto que ocorre entre os mencionados artigos ocorre também entre os contos *José Matias* e *Singularidades de uma rapariga loura*. Eça atenua grandemente o modo de expressão. O processo de empatia do narrador queiroso com suas personagens problemáticas, já evidente no romance a partir de *Os Maias* (1888), vai dar frutos também nos contos *Adão e Eva no Paraíso*, *A perfeição* e *José Matias*, todos publicados em 1897. Não perdendo nunca a ironia (seria a perda da identidade do Autor), o narrador, em Eça de Queirós, adoça-se; de impiedoso e duro torna-se compassivo.

Esses três contos têm muito em comum. Revelam, nas cogitações do Eça maduro, a avaliação que estava fazendo da cultura de seu século e – arrisco-me a dizer – conclusões que, de algum modo, havia tirado da obra e do convívio com um de seus mais próximos companheiros de geração. Nesses contos, com maior ou menor ênfase e clareza, está colocada uma questão crucial: a da divisão radical entre espírito e matéria, resultante dos embates polarizadores do idealismo e do positivismo. Os três ponderam sobre a Perfeição com maiúscula, tal como a concebiam os idealistas, e sobre o desprezo do mundo material.

Refletamos, a seguir, sobre o caso de amor de *José Matias*.

⁴ *Obras de Eça de Queirós* – Porto, Lello & Irmão Eds, 1912, v.II, pp. 1495-1501.

⁵ Idem, *ibidem*, vol.III, pp. 913-916.

⁶ Idem, *Obras*, vol II, p1499 e p.1501.

Neste conto cujo narrador se auto-denomina Filósofo, nós, leitores, estamos identificados a seu interlocutor e, nas primeiras linhas, recebemos o convite: “Por que não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres?”⁷ *Moço interessante* seria um eufemismo tático? um modo hábil de dizer rapaz singular sem dizê-lo? Sim, porque é das singularidades de um rapaz louro que o conto *José Matias* trata.

Se o idealismo ocupara o centro das preocupações do ficcionista desde os anos 70, nesse ano de 1897 ele continua a preocupá-lo e esse conto magistral o prova.

Com simpatia e humor, o narrador, constrói para seu interlocutor e para nós, um idealista radical. Porém se há bonomia no narrador/Filósofo não esqueçamos que seu ponto de partida é o anúncio do enterro do espiritualista absoluto. O percurso que, guiados pelo narrador, fazemos pela vida de José Matias, dá-se no tempo do trajeto até o Cemitério dos Prazeres onde o vamos enterrar. Não há, na criação desse ponto de partida, uma subliminar, maliciosa, bem-humorada e, ao mesmo tempo, tática lição?

“Linda tarde, meus amigos...” A que tarde se estará ele referindo? À daquele dia? ou à tarde do século onde, ao enterrar um modelo radical de *espiritualista absoluto*, se estava preconizando ou prefigurando, o enterro do idealismo? Depositado José Matias na cova, fecha-se o parêntesis: “Mas que linda tarde!”⁸ E tudo com boas pitadas de interesse, carinho, elegância, ironia e humor. É a estratégia do narrador tático: uma no cravo outra na ferradura

Lembremos, agora, outro imortal texto queirosiano, publicado um ano antes, em 1896 (chamo a atenção para a reveladora proximidade da data) e que, na minha leitura, está intimamente ligado à gênese do conto José Matias: *Um Génio que era um Santo*⁹.

Trata-se de um dos mais belos e comovidos textos de Eça de Queirós, escrito, como sabemos, para o livro que no Porto se publicou, na data acima indicada, em homenagem a Antero de Quental, falecido em 1891. Nele fica patente a reverência e até a devoção com que o Autor vê a figura do que foi considerado o líder da geração de 70: “É morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera!”¹⁰

O amor que dedica ao grande amigo, contudo, não lhe tira a objetividade. Vê-o com magníficas qualidades – *um génio*; mas o vê também nas suas limitações. Estas, no olhar de Eça, ao invés de lhe diminuírem a genialidade, constituí-

⁷ *José Matias*, p.254.

⁸ *Idem*, p.253 e p.288.

⁹ In: *Antero de Quental. In Memoriam*. 2ª ed, Lisboa, Editorial Presença, 1993, pp.481-22.

¹⁰ *Ibidem*, p.522.

ram o trampolim para que ele ascendesse a um novo estatuto, superior ao do gênio, o da santidade. *Um gênio que era um santo.*

Desse texto, cito dois fragmentos, para prosseguir as reflexões:

1º - [...] Antero, esse, encontrara Oliveira Martins que era um pensador, e José Fontana que era um agitador; e ardentemente penetrara no Movimento Socialista, então iniciado em Lisboa com os fervores e os segredos poéticos duma religião. Simultaneamente propagava a União-Ibérica, fundava Sociedades Operárias, instalava a Associação Internacional, lançava panfletos, conspirava, apostolava... [...] Longe, porém, soube que Antero se afastara inesperadamente da actividade revolucionária. Por quê? [...] harmonizara simplesmente a sua conducta e a sua natureza. O elemento natural do espírito de Antero era a abstracção filosófica, e só dentro dela respirava e vivia plenamente.[...] Como direi? O artista, o fidalgo, o filósofo que em Antero coexistiam não se entenderam bem com a plebe operária. Sempre sincero, lavou as suas mãos, e proclamou que só os Proletários eram competentes para exprimir o pensamento e reivindicar o direito dos Proletários. E amando ainda os homens, mas desistindo de os conduzir a Canaã, subiu com passos desafogados para a sua alta torre bem-amada, a torre da Metafísica.¹¹

2º - [...] O seu espírito só se interessava pela essência pura das idéias; - e creio que dos seus tempos de propagandista lhe ficara uma pudica repugnância pelo manejo directo dos homens e dos factos. E todavia ninguém como ele possuía o dom melhor para arrastar homens através de desertos - mas um pastor que, infelizmente, não tolerava a grosseria e a materialidade do rebanho¹¹.

Em breves traços, Eça caracteriza o amigo: um espírito que só “se interessava pela essência pura das idéias”, um metafísico, que se ressentia dolorosamente da realidade circundante. O filósofo, ao entrar em contato com o proletário de carne e osso doía-se da “imperfeição de quanto existe” pois, quando a idéia encarna em peitos que palpitam, Antero se perde: “Já não sei o que vale a nova idéia,/ Quando a vejo nas ruas desgrenhada”¹².

Que lusitanista não recordará o soneto anterior por excelência? “Conheci a Beleza que não morre/ E fiquei triste. [...] Pedindo à forma, em vão, a idéia pura,/ Tropeço em sombras na matéria dura,/ E encontro a imperfeição de quanto existe. // Recebi o batismo dos poetas,/ E, assentado entre as formas incompletas,/ Para sempre fiquei pálido e triste”.¹³

¹¹ Ibidem, pp 501-502 e pp 509-510.

¹² Quental, Antero de - *Poesia e Prosa*. Organização de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Editora Cultrix, 1974, pp.81-2. Soneto: *Tese e Antítese*.

¹³ Ibidem, p.49.

Seu título é Tormento do Ideal. Não poderíamos dizer que é de análogo tormento que a personagem José Matias padece? Idealismo é a atitude que está na base desse tormento. Platonismo, neoplatonismo, hegelianismo, espiritualismo absoluto são todos rótulos que poderiam ser aplicados ao caso do moço interessante. Ele tem parte com os versos iniciais do soneto em que Camões problematiza o neoplatonismo: “Transforma-se o amador na cousa amada./ por virtude do muito imaginar”. Como amador neoplatônico perfeito, o corpo de José Matias não deseja alcançar nada; apenas seu espírito desejaria sua amada tão radicalmente espiritualista quanto ele. Através da contemplação de Elisa, José Matias amava o Amor na idealidade que julgava perfeita. Realizá-lo fisicamente seria degradá-lo. Comenta conosco o narrador: “Enredado caso, hein, meu amigo? Ah! muito filosofei sobre ele, por dever de filósofo! E conclui que o Matias era um doente, atacado de hiper-espiritualismo [...] que receara apavoradamente as materialidades do casamento...”¹⁴.

Poderíamos, então, dizer que, nos dois contos estudados, em que se nos nararam casos de amor, o que, de fato, as personagens amam não são as “pessoas de carne e osso” que têm diante de si. Macário ama, acima de tudo, a honradez, a honestidade e a retidão; José Matias, o Amor Perfeito.

Curiosamente, Antero, por mais que tivesse sido o líder da Questão Coimbrã e das Conferências do Cassino, marcos do realismo em Portugal, era um idealista malgré lui. Se no Tormento do Ideal não é o Amor que está em questão mas a Beleza e a criação poética, isso não invalida a semelhança com a problemática de José Matias de quem, no parágrafo inicial do conto, já se nos informa que era um “espírito curioso, muito afeiçoado às idéias gerais”. Chama a atenção que o narrador use para caracterizar José Matias expressões muito próximas das que Eça de Queirós, no artigo do *In Memoriam*, usara para caracterizar Antero: o “elemento natural do espírito de Antero era a abstracção filosófica... o seu espírito só se interessava pela essência pura das idéias...”

Obviamente não quero dizer que José Matias constitui uma encarnação literária que coincida cabalmente com a figura histórica de Antero de Quental. Quero dizer apenas que Eça, do convívio e da observação do destino trágico do amigo, bem como da leitura atenta de seus sonetos, diagnosticou seu idealismo e inadaptação à realidade e inspirou-se desse aspecto dramático de sua personalidade para, radicalizando-o, criar uma personagem paradigma de idealista. Como sempre, nosso Autor tem a preocupação didática da exemplaridade.

Ao criá-la conferiu-lhe, por um lado, traços que a aproximavam espiritual, fisicamente e até, nalguns momentos, do vestuário, do companheiro de geração

¹⁴ José Matias, p.273.

mas, por outro lado, atribuiu-lhe traços muito distintos, risíveis, que talvez lá estejam para despistar da identificação do modelo. Além do humor com que cria José Matias, conta, por exemplo, a primeira impressão que dele tiveram: “Em Coimbra sempre o consideramos como uma alma escandalosamente banal. [...] não foi sem razão e propriedade que nós alcunhamos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de Matias-Coração-de-Esquilo”.¹⁵ Fica patente que tal caracterização não se aplica a Antero. Mas quando ele nos diz de “um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às idéias gerais [...]”¹⁵, em que pese a comparação com a espiga, é possível ver semelhanças com “a grenha densa e loira com lampejos fulvos”¹⁶, modo como Eça immortalizou sua primeira visão de Antero, improvisando à luz da lua nas escadarias da Sé Nova de Coimbra. E, como não lembrar de outro passo do *In Memoriam*, em que, ao descrever a figura cativante do amigo, caracteriza-o como airoso e leve?¹⁶

Certamente José Matias não possui as magníficas qualidades de liderança, generosidade e sociabilidade que Eça identificou em seu amigo mas seu sorriso é afável e constante, ele prima pela finura de alma e é extremamente cortês. José Matias passa oculto, quase desapercibido, enquanto Antero é uma figura carismática, de elevada e reconhecida estatura e ascendência moral. Mas como não lembrar de Antero, “esse homem tão simples, com uma má quinzena dalpaca no verão, um paletó cor de mel no inverno”¹⁷ quando leio que José Matias, “num portal da rua de S. Bento, tiritava dentro duma quinzena cor de mel?”¹⁸.

Se é verdade que *qualquer semelhança* pode muito bem ser *coincidência*, também é verdade que se lermos com atenção os outros dois contos publicados em 1897, observaremos que, ao terem a ver com a problemática da Perfeição, têm a ver com a problemática anterioriana, dialogam com alguns de seus sonetos e, às vezes, citam seus versos.

Atentemos para o conto *A Perfeição*. Será que não está colocando de um modo diverso – é certo – a mesma questão do confronto e da defasagem entre a ordem do Espírito e a da Matéria? Não há uma ironia extrema na crítica que Ulisses faz à “perfeição” existente na ilha de Ogígia e na deusa Calipso? na sua recusa daquela pseudo ordem divina? Se José Matias amava o Amor Perfeito, Ulisses encerra o episódio em Ogígia, dizendo: “– Oh! Deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!”

¹⁵ Ibidem, p. 256 e p.253.

¹⁶ *Um Génio que era um Santo*, p. 481 e p. 494.

¹⁷ Ibidem, p. 519.

¹⁸ *José Matias*, p.253.

E, através da vaga, fugiu, trepou sofregamente à jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias – para a delícia das coisas imperfeitas!¹⁹

O intertexto com o soneto *Tormento do Ideal* é patente: “Pedindo à forma, em vão, a idéia pura,/ Tropeço em sombras na matéria dura,/ E encontro a imperfeição de quanto existe”. Para Antero a imperfeição das coisas materiais é motivo de palidez, tristeza e desânimo. Para Ulisses as coisas *imperfeitas* são uma *delícia* e a imperfeição da Deusa está na sua perfeição. Não é, de novo, uma lição acerca do erro em desprezar a matéria por parte dos *espiritualistas desvairados*?

Visitemos, ainda que brevemente, *Adão e Eva no Paraíso*. Nos parágrafos finais desse conto, não se discute uma problemática já levantada por António Nobre e que será posteriormente muito discutida por Fernando Pessoa, a da Razão? O que se põe em causa, com boa dose de humor, é se, de fato, possuir a Razão é uma perfeição. E, se o for, se a perfeição é desejável. Ao imaginar a felicidade irracional do Orangotango, Antero aparece ligeiramente parodiado: “[...] Cedo recolhe à sua árvore, e, estendido na folhosa rede, brandamente se abandona à delícia de sonhar, num sonho acordado, semelhante às nossas Metafísicas e às nossas Epopéias, mas que rolando todo sobre sensações reais é, ao contrário dos nossos incertos sonhos, um sonho todo feito de certeza”²⁰. E as discussões com Deus²¹, tão típicas de Antero, não vêm aludidas no prosseguimento?: “e o Orango ditoso desce ao seu catre de penedias e musgos, e adormece na imensa paz de Deus – de Deus que ele nunca se cansou em comentar, nem sequer em negar, e que todavia sobre ele derrama, com imparcial carinho, os bens inteiros da sua Misericórdia”²⁰.

Na frase final do conto, Antero é de novo citado quando o narrador exorta a usar do melhor dos dons de Deus, o de O amar, o de amar uns aos outros e aos seres “que não parecem necessitar o nosso amor, esses Sóis, esses Mundos, essas esparsas Nebulosas que, inicialmente fechadas, como nós, na mão de Deus, e feitas da nossa substância, nem decerto nos amam – nem talvez nos conhecem”²⁰.

Para concluir, voltemos ao conto *José Matias* perpassado de flores. Seu caso de amor se dá *por sobre as rosas e as dalias abertas*²² separadas por um muro coberto de hera. A casa de Elisa é também chamada *Casa da Parreira*, e a própria Elisa, *Elisa da Parreira*. Dela também o narrador diz que possui “uma carnação de camélia muito fresca”²³. No enterro de José Matias, o apontador de Obras Públicas traz

¹⁹ *A Perfeição*, p.317.

²⁰ *Adão e Eva no Paraíso*, p. 193 Recordemos o verso do soneto *À Virgem Santíssima: Foi num sonho todo feito de incertezas*. As duas outras citações: p. 194.

²¹ Expressão de Chico Buarque de Hollanda, na canção *Sem Fantasia*.

²² *José Matias*, p. 274.

um grosso ramo de violetas...²⁴, o que merece uma interpretação do narrador: “Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual! Mas, nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém!”²⁴

A rosa, sabemos, tradicionalmente, significa a perfeição da beleza, tanto material quanto espiritual. Elisa é pois a mulher perfeita. Ela o é para José Matias. Contemplá-la é, para ele, ascender ao Amor e, conseqüentemente, à Perfeição. Ademais, se a rosa surge frequentemente associada ao *topos* do *carpe diem*, a beleza de Elisa, que despertava em tantos amor sensual, está ligada também ao prazer e à embriaguez; daí *Elisa da Parreira*. Mas José Matias, esse, não tem olhos para o *carpe diem*. Fora do tempo, ele contempla-a *sub specie aeternitatis*.

A camélia, flor que comparece duas vezes no conto, referida sempre a Elisa, parece de fácil decodificação. Sendo flor tão sensível que tocá-la é manchá-la, tocar a *carnação* de Elisa é ofender sua perfeição, maculá-la. Elisa é, para José Matias, a que não deve ser tocada e, por isso, ele se consome com o seu segundo casamento e com o surgimento do amante.

A hera, verde em todas as estações, simboliza o perene. O muro coberto de hera que separa o canteiro de dalias da casa de José Matias do canteiro de rosas da divina Elisa tem, portanto, dupla significação. Enquanto muro, separa-os fisicamente, mas sendo coberto de hera, proclama a imortalidade daquele amor, porque só espiritual. Paradoxalmente, o muro preserva o amor. Separando, une.

As violetas, roxas, são paixão, tanto no sentido ativo quanto no passivo do termo. Espalhadas sobre a cova de José Matias, são uma apaixonada declaração de amor de Elisa ao amante espiritual, mas não só. Através delas Elisa também manifesta reconhecer a intensa paixão que José Matias lhe dedicava e a dolorosa paixão que por amor sofreu. José Matias foi paixão.

Por último, raciocinemos sobre os soberbos canteiros de dalias da casa de José Matias. Soberbas, deviam ser belas e altas, já que dalias atingem até dois metros de altura. Dalias, contudo, não têm perfume, o que se aplica perfeitamente bem à natureza do amor puramente espiritual com que José Matias ama Elisa. José Matias não tem a fragrância do sensorial, opondo-se à sua Elisa que, simbolizada por uma flor de intensa fragrância, nunca renunciou às *necessidades grosseiras*²⁵. Dalias também são flores que podem ser expostas diretamente ao sol e por muitas horas. Solares e resistentes, portanto. Como José Matias, *rapaz airo-*

²³ Ibidem, p. 258.

²⁴ Ibidem, p. 287.

²⁵ Ibidem, p. 274.

so, louro como uma espiga. José Matias, solar, pertence à luz, como seu idealismo já permitia inferir e resiste a tudo na contemplação da sua rosa.

Seja-me permitido fechar lembrando mais uma vez:

Antero era então, como sempre foi, um refulgente espelho de sinceridade e rectidão. De nascença a sua alma viera toda limpa e branca, e quando Deus a recebeu, encontrou-a decerto tão limpa e branca como lha entregara. Nunca, através da vida, tomou um caminho escuro ou oblíquo: com a face levantada, como um sol, rompia a passos direitos e sonoros (...) a sua lealdade magnífica resplandecia toda nos seus olhos claros como uma luz santa às portas dum sacrário²⁶.

Como um sol, o gênio que era um santo, foi tema das reflexões do Eça de Queirós maduro, que em 1896 publicou o texto homenagem do *In Memoriam* e, no ano seguinte, os três contos em que partilha conosco a lição tirada dessas reflexões: o espiritualismo absoluto é engano fatal para nós, seres humanos, compostos de espírito e de matéria. À matéria, não há que desprezá-la.

²⁶ *Um Gênio que era um Santo*, p.493.